



O CREPÚSCULO DOS ESTUDANTES DO CURSO DE GEOGRAFIA DA FCT/UNESP: TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE JUVENTUDE(S)

João Pedro Turino Silva ¹

RESUMO

Este texto, procura trazer uma reflexão, através de dados e informações obtidas em uma pesquisa acerca da cultura universitária e experiência de juventude dos estudantes do 2º e 3º ano do curso de Geografia da FCTUNESP, com enfoque na experiência de juventude desses sujeitos e elementos das suas trajetórias; o arcabouço teórico e a produção de dados e informações se deu através da realização de entrevistas como principal instrumento metodológico. Combinado a isso levantamento de dados na seção de graduação da FCT/UNESP, aplicação de questionário e organização de grupos focais; somado a isso, uma aproximação artística/poética, inspirada no movimento *Vaporwave* e o álbum *Cool Tapes Volume III* colaborou na discussão de questões pertinentes a esse texto: Quem são os estudantes do 2º e 3º ano do curso de Geografia? Quais são suas trajetórias? Em quais espaços se encontram? Há de fato uma cultura (juvenil) universitária? Ao longo do texto, há o esforço de discorrer acerca desses problemas, na ambição de contribuir aos estudos de Geografia das Juventudes.

Palavras-chave: Estudantes de Geografia, Trajetórias, Cultura juvenil universitária, Experiências de juventude(s), FCT/UNESP.

ABSTRACT

This text, seeks to bring a reflection, through data and information obtained in a research about the university culture and youth experience of 2nd and 3rd year students of the Geography course of FCTUNESP, focusing on the youth experience of these subjects and elements of their trajectories; The theoretical framework and the production of data and information occurred through the use of interview methodologies, access to data from the graduation section of FCT/UNESP, application of a questionnaire and organization of focus groups; added to this, an artistic/poetic approach, inspired by the Vaporwave movement and the *Cool Tapes Volume III* album collaborate in the discussion of issues pertinent to this text: Who are the 2nd and 3rd year students of the Geography course? What are their trajectories? In which spaces do they find themselves? Is there indeed a university (youth) culture? Throughout the text, there is an effort to discuss these problems, with the ambition of contributing to the studies of Geography of Youth.

Key Words: Geography students, Trajectories, University Youth Culture, Youth Experiences, FCT/UNESP.

¹Mestrando do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas, jp_turino@hotmail.com.



INTRODUÇÃO

Este trabalho é oriundo de uma pesquisa sobre cultura universitária e experiência de juventude de estudantes de Geografia de uma universidade pública do Estado de São Paulo. Com o recorte temático no campo da Geografia das Juventudes, trabalhou-se especificamente a questão da cultura universitária dos estudantes do segundo e terceiro ano de Geografia, da Faculdade de Ciências e Tecnologia, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP Campus de Presidente Prudente (FCT/UNESP). Este universo de pesquisa era constituído (no momento estudado) por cerca de 110 pessoas, divididas em duas turmas, 69 pessoas no 2º ano e 41 pessoas no 3º ano. O título da pesquisa era “Cultura Universitária E Experiência De Juventude De Estudantes Do Segundo E Terceiro Ano De Geografia da FCT/UNESP - Presidente Prudente”, a qual foi orientada pelo Professor Nécio Turra Neto, a pesquisa teve como objetivo geral: conhecer a cultura universitária dos estudantes de Geografia da FCT/UNESP e seu papel na socialização de estudantes ingressantes no curso, tanto na construção de suas experiências de juventude, quanto na construção da identidade destes estudantes com o curso de Geografia.

Sendo uma pesquisa que se iniciou de fato a ser amparada e desenvolvida no ano de 2020, acompanhou-se a chegada da pandemia no Brasil e mais especificamente na cidade de Presidente Prudente, no Oeste paulista. A pandemia exigiu que o foco fosse o segundo e terceiro ano de curso, pois os calouros de 2020 não tiveram uma vivência universitária considerável.

Cabe justificar a pesquisa como uma forma de contribuir para que a própria instituição possa conhecer melhor os estudantes e, assim, melhor dialogar com eles e elas, na construção de um curso com maior qualidade, ao mesmo tempo que possa enfrentar problemas de evasão escolar, que têm sido recorrentes no curso.

A pesquisa em si, revelou e demonstrou elementos muito mais amplos do que as trajetórias e experiências de juventude(s) dos estudantes de Geografia, os resultados continuam gerando discussões, e são esses frutos da pesquisa que possibilitaram dar segmento a tal investigação (com determinadas alterações) no programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas, tendo como orientadora a professora Patrícia Helena Milani.



No entanto, optou-se nesse texto, focar nesses temas (trajetórias e experiências de juventudes), que também merecem atenção, e nos trazem pontos a se pensar acerca da formação dos sujeitos pesquisados; mas para que o leitor desse artigo possa já compreender o apelo ao fenômeno do crepúsculo presente no título do texto, adianto que se trata de uma metáfora, fazendo menção ao crepúsculo de adolescências, presentes nos discursos dos estudantes entrevistados, nas respostas dos questionários e nos debates dos grupos focais.

Ora, percebeu-se uma vida com novas responsabilidades, desafios, um desgaste de um ensino remoto exaustivo, uma preocupação com a saúde mental dos companheiros de disciplina, figuras, pensamentos e espacialidades comuns nas trajetórias expostas, ansiedades e preocupações frente ao campo de possibilidades que esses estudantes têm em seu futuro, mas acima de tudo, resistência, seja na política, no companheirismo, na relação amistosa entre estudantes e professores, em grupos de pesquisa e coletivos, ou na própria cultura universitária identificada.

A pesquisa² nos fez encontrar outras referências para além do levantamento bibliográfico, mas também inspirações artísticas, estéticas e representativas. Encontramos cores, traços e representação para essa pesquisa no gênero *Vaporwave* (mais adiante aprofundado). O álbum musical “Cool Tapes Volume III” (CTVIII) de Jaden Smith de 2020, abrigando a estética e sonoridade do gênero *Vaporwave*, foi com certeza a “trilha sonora” dessa pesquisa, pois em suas letras, o artista traz reflexões acerca do crepúsculo de sua adolescência e o início de uma maturidade maior.

Ora, assim como os jovens estudantes universitários, que ingressaram na universidade muitas vezes com menos de 20 anos, diante disso, as incertezas, as novas responsabilidades da vida adulta e aspirações estavam presentes nas falas dos estudantes investigados (como já colocado e mais adiante explorado), o álbum se mostrou ideal para a nossa investigação e inspirado na correlação entre o álbum CTVIII e a pesquisa, pretendemos aqui fazer algumas considerações acerca do crepúsculo da adolescência desses e dessas estudantes na FCT/UNESP, que passam a ter responsabilidades e novos desafios, assim como suas respectivas trajetórias.

² Este texto é fruto de uma pesquisa de iniciação científica amparada pela Fundação de Amparo A Pesquisa do Estado de SP(FAPESP), tendo sido aprovado pelo comitê de ética local, CAAE:



36401420.7.0000.5402; e tem continuidade no mestrado com a inclusão do curso de geografia de outra universidade pública.

Organizamos nosso texto no desenvolvimento da metodologia utilizada, do referencial teórico, dos resultados obtidos e discussão acerca dos mesmos, das considerações finais e das referências utilizadas.

METODOLOGIA

Iniciamos o procedimento metodológico da pesquisa com um levantamento bibliográfico, nos referenciando nas contribuições de Silva, Silva e Junckes (2009), que propõem uma primeira busca de leituras relacionadas a um tema já estabelecido, ou seja, antes de qualquer procedimento, é necessário se definir um problema de pesquisa, uma questão que nos motive a investigar determinado objeto de pesquisa. Mantendo a “vigilância epistemológica” que seria a atenção devida com as referências usadas, procuramos também ter embasamento em tudo que era dito, comprovação por meio de informações, dados e fatos, sempre dentro dos termos estabelecidos pela academia.

Esse levantamento foi feito parcialmente antes do início da bolsa de pesquisa, e se postergou até o final da pesquisa. Posteriormente, realizamos um levantamento de dados junto aos setores acadêmicos da FCT/UNESP e trabalhamos na produção de dados. Após o primeiro levantamento de dados, foram realizados questionários com os estudantes do segundo e terceiro ano, os quais 44 questionários foram respondidos, em termos percentuais, dos 41 matriculados no 3º. ano, 58% da turma respondeu, enquanto no 2º. ano, este percentual foi de pouco mais de 30%.

Segundo Chagas (2000), o questionário, deve partir de temas gerais e caminhar para temas mais específicos, e assim o fizemos, com as perguntas iniciais sendo pautado questões amplas e comuns a todos e todas, além de se constar um enunciado informando do que se tratou a pesquisa e o formulário em si. O questionário foi composto pelos três tipos de perguntas: fechadas, semiabertas e abertas, permitindo na primeira poucas opções, na segunda maior liberdade para se escolher mais de uma opção e na terceira a possibilidade de se discorrer acerca da pergunta.

Também foram realizados 2 grupos focais para a produção de informações. Tendo como referência Cruz Neto, Moreira e Sucena (2002), os grupos focais são definidos



como grupos de discussão informal de tamanho reduzido, com o objetivo de obter informações qualitativas sob o tema buscado. Seu objetivo é produzir uma fala em debate, e a partir das (dis)concordâncias, construir repostas, alternativas e direcionamentos diante de questões postas ao grupo; por isto é diferente de entrevista de grupo ou de entrevistas em geral.

O primeiro grupo focal realizado e gravado no final de 2020 com duração de uma hora e cinquenta e três minutos, constituído por 6 estudantes, 3 do segundo ano e 3 do terceiro. O segundo grupo focal foi realizado e gravado em janeiro de 2021 e durou um pouco mais de uma hora, apenas 5 dos 6 convidados compareceram ao grupo focal, com 2 integrantes do terceiro ano e 3 integrantes do segundo ano, os grupos foram realizados de modo remoto pela Plataforma Google Meet, devido a pandemia de Covid-19 vivida no dado momento. Como última metodologia, foram feitas também 4 entrevistas (também de modo remoto), orientadas segundo os critérios apresentados por Colognese e Mélo (1998), que indicam uma série de cuidados para que esta "conversa interessada" seja mais eficiente, tentando não soar desconfortável ao entrevistado. Trabalhamos com o roteiro específico e com roteiros semiestruturados.

Vale a pena adicionar a esse tópico, o esforço de rever os dados e informações obtidas ao longo da investigação que durou 9 meses; essa pesquisa apresenta resultados com o potencial de muito mais outros artigos e reflexões como já pontuado, e para a construção desse artigo foram necessárias revisões a esse material.

REFERENCIAL TEÓRICO

Um das referências para esse trabalho é o *Vaporwave*, movimento artístico que nasce e se desenvolve na internet nos anos de 2010 em diante; como colocado por Moré (2018), o movimento tem uma estética e proposta própria, com uma paleta de cores semelhante às do pôr do sol, ironiza o sonho perdido do capitalismo e através de imagens com baixa resolução, tenta sempre trazer um ar de nostalgia de um passado que talvez nunca existiu, além de uma estética hipnótica carregada de desesperança do futuro, como colocado por Harvey (1992) as artes são sempre manifestações importantes dos tempos e suas tendências, o *Vaporwave* parece nos revelar o caráter pós-moderno de nossa sociedade atual, (des)amparada no e pelo neoliberalismo, que adentra o cotidiano e a



realidade vivida espaçotemporalmente pelas juventudes, incluindo os universitários (CHAUI,2003) no caso, os graduandos em Geografia.

A relação que fiz entre minha pesquisa e o gênero *Vaporwave* foi a noção de desesperança e a contemporaneidade desse movimento artístico, a maioria dos estudantes pesquisados (do 2º e 3º ano do curso de Geografia da FCT/UNESP), nasceram dos anos 2000 em diante e muitas vezes tinham em seu discurso, palavras de desesperança e incerteza, em relação a conseguir espaço no mercado de trabalho, a dificuldade de conciliação entre trabalho-estudos ou mesmo a saúde mental como fragilizada no ambiente acadêmico. Sentimentos apontados por Pais (2006) como comuns aos jovens em um mundo tão incerto e exigente, muitos desses jovens veem um futuro “desfruturizado”. Coutrim, Carioca e Dulci (2009) nos colocam também relatos dos estudantes com medo de não atingirem seus objetivos e de falharem no mercado de trabalho, convivem com uma forte ansiedade em seus anos de estudos universitários.

Já apresentada as referências que sustentam o termo “crepúsculo” adotado no título desse artigo, convém apresentar o arcabouço teórico acerca de outros temas que foram pertinentes na construção de compreendermos o quadro dos estudantes do segundo e terceiro ano do curso de Geografia, com enfoque em suas trajetórias e experiências de juventude.

Antes de abordar profundamente conceitos e ideias, como a Geografia sempre (re)lembra enquanto ciência que investiga o espaço geográfico, vale o entendimento do espaço que aconteceu a pesquisa, como se deu a construção desse espaço: a FCT/UNESP de Presidente Prudente.

Segundo Lima e Ribeiro (2013), a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente foi criada pela Lei 4.131, de 17/09/1957, no governo do Doutor Jânio Quadros, na qualidade de Instituto Isolado de Ensino Superior. Vale pontuar, que o Oeste paulista nessa situação não tinha centros de ensino superior, apesar de Presidente Prudente já ser um importante centro econômico-administrativo. Segundo UNESP (2016), a faculdade foi autorizada a funcionar através do Decreto Federal 45.755, de 13/04/1959, com os Cursos de Geografia e Pedagogia, tendo seu início no dia 03/05/1959.

Através do Decreto 191, de 30/01/1970, a Faculdade, juntamente com outros 14 Institutos Isolados do Ensino Superior, foi transformada em Autarquia de Regime Especial. Em 30 de janeiro de 1976, através da Lei 952, foi criada a Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" e, a partir daí, esta Unidade recebeu a denominação de



Instituto de Planejamento e Estudos Ambientais - IPEA. Nesta passagem, foram extintos alguns cursos, mas mantido o curso de Geografia. O departamento de Geografia, como mencionado antes, foi pioneiro na universidade, sendo instalado em 1959, e sua primeira turma de doutorado foi aberta em 1997. Hoje o departamento conta com 22 docentes, sendo um mestre e 21 doutores.

Por ser um dos primeiros cursos instaurados na universidade, tem certa tradição tanto na graduação, se confundindo muitas vezes a história do departamento de Geografia com a história da FCT/UNESP de Presidente Prudente.

O modelo adotado pela universidade, é a de campus, seguindo uma arquitetura dos campus das universidades norte americanas. Buffa e Pinto (2016) afirmam que em contrapartida ao modelo arquitetônico das universidades europeias, o campus universitário norte americano foi sendo elaborado em sítios e não apenas em prédios. Há espaços verdes, abertos, jardins e uma paisagem mais associada ao ambiente rural e contato à natureza, na intenção de se manter uma “distância investigativa” da sociedade.

Na figura I, vemos a localização do campus da FCT/UNESP na cidade de Presidente Prudente, tendo dois círculos vermelhos indicando as duas grandes áreas do campus, que tem sua área Norte (círculo de cima), enquanto o segundo círculo, mais abaixo, representando a área Sul do campus. Vale colocar que a localização do campus se dava um pouco afastada da malha urbana (quando iniciou suas atividades), hoje o campus se encontra integrado a malha urbana.

FIGURA II-UNESP - PRESIDENTE PRUDENTE - IMAGEM DE SATÉLITE-
22°1' SUL, 51°4' OESTE.



Fonte: Qgis, Google Satélite 2021.

O mapa I, é referente ao campus que, separado em 3 grandes áreas, nos mostra: A área sul, que contém o bloco de salas de aula de Geografia que tem na sua entrada uma praça (em amarelo), conhecida como a “Praça da Geografia”, sendo um importante ponto de encontro e sociabilidade dos estudantes do curso. Há também nessa área o restaurante universitário (R.U) e a cantina, outros dois importantes pontos de encontro e sociabilidade. A área central, que é constituída pela biblioteca e uma praça a sua frente, ambos espaços também importantes na sociabilidade dos estudantes investigados; e a área norte, que contém o ginásio do campus, a pista de corrida e a moradia estudantil, onde muitos dos colaboradores da pesquisa residiam e/ou residem.



MAPA I- FCT/UNESP-PRESIDENTE PRUDENTE - CAMPUS, 2020

unesp



Área da FCT	Edificação	Estacionamento
Área Norte	Hidrografia	Caminho
Área Central	Praça	Via Externa
Área Sul		Via Interna

Área Norte:

- Anfiteatro 3, Serviço de Cópias e Laboratórios
- Bloco de Aulas 3 e Gabinete de Informações
- Departamento de Educação Física
- Departamento de Fisioterapia e Laboratórios
- Cantina, Seção Técnica de Saúde e AGB
- Centro de Convivência Infantil - CCI
- Estação Meteorológica e Laboratórios
- Ginásio de Esportes
- Laboratórios
- Moradia Estudantil - Blocos A, B, C e D
- Pista de Atletismo
- Sede Administrativa da ASA

Área Central:

- Anfiteatro 1, Gabinete de Informações e Diretorias
- Biblioteca
- Bloco de Aulas 1, Laboratórios e Central de Grupos de Pesquisa
- Centro Cultural e Sede Administrativa da Fundacte
- Centro de Ciências e Laboratórios
- Departamento de Educação e Departamento de Estatística
- Departamento de Matemática e Computação
- Departamento de Geografia
- Diretoria Acadêmica e Serviço de Cópias
- Laboratórios
- Seção Técnica de Graduação
- Serviço Técnico de Informática e Seção de Materiais

Área Sul:

- Anfiteatro 2 e Bloco de Aulas 4
- Auditório, Anfiteatro 4, Anfiteatro 5 e Bloco de Aulas 5
- Bloco de Aulas 2 e Laboratórios
- Bloco de Aulas 6
- Cantina e Serviço de Cópias
- Centro de Estudos e Atendimento em Fisioterapia e Reabilitação - CEAFIR
- Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil - CELLIJ
- Centro de Museologia, Antropologia e Arqueologia - CEMAARQ
- Centro de Promoção para Inclusão Digital, Escolar e Social - CPIDES
- Departamento de Cartografia e Laboratórios
- Departamento de Planejamento, Urbanismo e Ambiente
- Departamento de Física, Química e Biologia e Laboratórios
- Laboratórios
- Restaurante Universitário - RU
- Salão de Eventos
- Seção Técnica de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão - STAEPE
- Serviço de Atividades Auxiliares

FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA - CAMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE

Fonte: Site Oficial da FCT/UNESP-Presidente Prudente, 2021

Colocadas as referências acerca do espaço investigado, convém agora avançarmos na teoria utilizada para compreender a experiência (sempre espacial) de juventude desses estudantes.

É importante, para a compreensão desse universo, a ideia trazida por Turra Neto (2015), de juventude enquanto uma experiência, que pode ser experienciada de plurais formas, pelos diferentes sujeitos, com forte influência do contexto socioespacial em que ela acontece, ressaltando a importância de se compreender o espaço em que os sujeitos se inserem.



Assim as experiências de juventude dos jovens no contexto universitário são diferentes daquelas vividas por jovens cujos grupos de pares são/estão fora da universidade; vale colocar aqui, que esse universo estudado equivale a uma minoria dos jovens brasileiros.

Vasconcelos (2016), usando de dados do Censo de 2010, afirmou que as universidades particulares correspondiam a 70% das matrículas no ensino superior, e que da população total de jovens no Brasil entre 18 e 24 anos (24 milhões de pessoas), apenas 19% ingressaram na graduação. Compreendendo esse panorama do Brasil de “experiências de juventudes desiguais” o autor Turra Neto (2015) exclama que há sujeitos que, dado o contexto social pouco protetivo e a maior vulnerabilidade social, são jovens no que se refere à idade, mas não vivem a experiência da juventude. Ou, como dito por Margulis e Urresti (1996), há jovens que não são juvenis.

Martins e Carrano (2011), argumentando acerca da relação entre jovens e escola, vão apontar as (re)ações de jovens em espaços adultos e institucionais, ao passo que herdamos certas práticas, os jovens ressignificam espaços, ocupam, transformam. Podemos também pensar a universidade como essa instituição, que dá contexto a essas práticas, fazendo de suas experiências de juventudes algo (com)partilhado e criando ali naquele contexto certo modo de ser jovem, essa cultura juvenil em questão não é fechada, nem única, é misturada, (re)interpretada e vivenciada de diversas formas, transformada à medida que tem novos adeptos, novos contatos com outros sujeitos, espaços e tempos.

Velho (2006) pontua que existem várias maneiras de ser jovem, assim como várias maneiras de ser universitário, mas não podemos ignorar o fato de que há uma cultura universitária no curso e no campus em si, essa cultura foi identificada na pesquisa. A cultura universitária aqui explorada deve ser fundamentada nas referências acerca do tema: culturas juvenis.

Pais (1993) compreende a juventude como uma fase de vida, socialmente construída, sendo um período de transição e descoberta, porém, plural e diverso. Vale também pontuar que o autor define a ideia de “cultura juvenil” como uma cultura praticada por grupos juvenis, em espaços e tempo próprios, em que estão “fazendo nada, mas juntos”, priorizando assim o tempo livre em espaços nos quais os adultos, ou seja, as autoridades, estão ausentes.. Ainda acerca do termo “cultura juvenil”, e inspirado nas ideias de Pais(1993), vale salientar a colocação de Menegon (2016, p.46):



[...] a Sociologia da Juventude opta pelo termo Culturas Juvenis, pois, além da amplitude de significados que pode lhe ser atribuída, o termo no plural é ainda mais pertinente. Não há limites quando se estuda culturas, há um campo infinito prestes a ser desvelado, seja ele na área da Sociologia da Juventude ou em qualquer outra.

A partir desse entendimento sobre cultura juvenil, a pesquisa apreendeu a cultura universitária como uma manifestação de cultura juvenil, praticada por jovens que têm entre seus pares da universidade um espaço-tempo privilegiado de sociabilidade e socialização, os diferenciando de outros grupos de jovens, e outras culturas juvenis.

Diante de uma cultura (juvenil) universitária, que se revela mais ampla que apenas uma prática no tempo livre (como adiante veremos), há a chegada de estudantes com trajetórias próprias, plurais e que se chocam com um universo cultural já existente. É no encontro, sendo a universidade o lugar desse encontro (MASSEY, 1991), entre a trajetória do estudante que ingressa e sua experiência de juventude no curso de Geografia que constrói sua cultura juvenil.

Velho (2006) traz a ideia de “campo de possibilidades”, campo no qual os jovens se movem, elaborando seus projetos de futuro e realizando suas trajetórias em negociação com ele, o espaço em que estão inseridos, no caso a universidade, dialoga com o “projeto” de cada sujeito, Velho(2006) define “projeto” como sendo uma conduta organizada para se atingir um objetivo. Nesse contexto, há crises e choques entre os projetos individuais, e os sistemas, dinâmicas e agentes pré-existentes. Segundo Pais (1993), os cursos de vida se realizam em amálgama e sincronização entre os tempos individuais e históricos mais amplos; os projetos de vida dos jovens, sua transição para a idade adulta se realiza, portanto, como uma negociação complexa, em que inúmeros elementos são levados em conta. Essas trajetórias, investigadas ao longo da pesquisa revelaram ter algumas semelhanças (demonstradas no próximo tópico), assim podemos também a seguir, organizar a(s) experiência(s) de juventude desses estudantes em adaptação, locais de encontro/ sociabilidade e tempo livre e lazer.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas entrevistas e nos grupos focais com jovens universitários do curso de Geografia da FCT/UNESP, tivemos diversos relatos de trajetórias, mas podemos trazer



aqui alguns que elucidam certas tendências por serem as mais comuns.

Algo que se mostrou comum às trajetórias investigadas foi que a opção pela Geografia não se deu de forma exclusiva e única. Podemos inferir que isto decorre da desvalorização da profissão docente nos últimos anos no Brasil, como apontado por Oliveira (2012).

Em todos os casos, havia a possibilidade de se cursar outro curso, ou a intenção de apenas ter um diploma, dificuldades financeiras, e frustrações no vestibular ou outros casos. Alguns estudantes com menor renda e moradores de Presidente Prudente escolheram o curso pelo baixo custo (não gastar com moradia fora e ser em uma universidade pública), aliado à possibilidade de ingresso em um curso que é menos concorrido.

As trajetórias expostas por meio das entrevistas revelam certos encontros, a ausência de uma escolha certa e única pelo curso de Geografia, personagens que somaram, forçaram ou não colaboraram com essa decisão, como o professor de Geografia do cursinho, os pais que obrigaram o jovem a cursar alguma universidade e o professor no colégio interno que tornou a disciplina pouco atrativa e crítica; mas de qualquer forma, a figura de adultos compareceu muito nas falas dos estudantes entrevistados.

Hopkins (2006), pesquisando jovens universitários ingleses, identificou nas falas dos estudantes, principalmente os que trabalhavam, que o diploma teria um “valor de mercado”, algo que possibilitaria um cargo melhor, na opinião dos próprios estudantes, a obter cargo mais bem remunerado no mercado de trabalho.

Bueno (1993) vai nos lembrar que a escolha do curso no vestibular, dificilmente, é feita de forma amplamente analisada. Poucos são os estudantes que prestam o vestibular com um acompanhamento ou apoio durante sua tomada de decisão, como exames vocacionais e pesquisas/conhecimentos acerca das diferentes oportunidades. Os que têm as condições de realizarem uma escolha verdadeiramente embasada são também os que têm mais acesso a informações privilegiadas que circulam pouco nas escolas públicas. Nesse campo, a família é um elemento fundamental no (des)incentivo da escolha do curso, seja no que se refere ao suporte material, seja no que se refere ao suporte emocional, no campo das subjetividades.

A família é importante na tomada de decisão desses jovens e suas respectivas trajetórias (PAIS,1993). Como contribuição a esse debate, temos o trecho de uma entrevista feita a um estudante do terceiro ano do curso:



“...antes eu de eu vir para cá para Prudente eu não fazia a menor ideia do que fazer, *facul* essas coisas ,eu já dei aula de informática... no colégio Objetivo e tipo *man,o* chegou no terceiro colegial meio que assim, meus pais falaram que eu precisava fazer uma faculdade, acho que foi meio que uma pressão *saca?* Porque eu, particularmente, nunca quis estudar nada não...estudar nunca foi meu forte *mano...*”(aluno do 3º ano, branco)

Vemos no trecho a participação dos pais na decisão dos projetos do jovem, e o diploma como garantia de algum emprego melhor(apesar de que essa realidade pareça estar se alterando). O estudante em questão, se mudou para Presidente Prudente para cursar a graduação e trabalhou desde o primeiro ano de estudo, disse que caso não tivesse trabalhado, teria dificuldades em se manter na cidade, o “peso” do diploma é o que o faz continuar no curso, mesmo não tendo planos de trabalhar como professor de Geografia, e afirmar estar esgotado do curso.

Os estudantes do segundo e terceiro ano se mostraram vocacionados a outros setores, atividades e disciplinas, e a trajetória até o curso se mostrou sempre flertar(em todas as entrevistas) com o acaso, seja pela baixa relação candidato/caga, ou por algum detalhe optar por Geografia, mas há também outro fator que conduziu estudantes até o curso, aquilo que era realisticamente possível dentro do campo de possibilidades.

Alguns estudantes com menor renda e moradores de Presidente Prudente escolheram o curso pelo baixo custo (não gastar com moradia fora e ser em uma universidade pública), como na fala em seguida de uma das estudantes entrevistadas. Oriunda de Presidente Prudente, a entrevistada mora na zona Norte da cidade, frequenta outros circuitos, para além dos arredores da universidade e outras realidades.

Concluiu seu ensino médio no colégio IE Fernando Costa, localizado no centro da cidade (escola pública) e trabalhou desde o ensino médio. Ingressou em uma universidade particular não muito distante de sua residência (Toledo), na intenção de cursar Arquitetura, e o fez por um ano e meio, deixando o curso por não mais ser financeiramente viável.

“...depois da escola eu cheguei a fazer um ano e meio de Arquitetura, fiz uma faculdade particular, mas aí eu acabei trancando e eu sempre trabalhei *né?* Desde o ensino médio também, aí prestei o vestibular enquanto ainda *tava* trabalhando, eu *tava* trabalhando até no shopping, eu prestei vestibular para UNESP para passar em Arquitetura, mas como eu não passei em arquitetura... eu escolhi Geografia, ainda bem que escolhi, porque eu não ia dar conta de



arquitetura e eu me encontrei na *geo*, então, também *tô* feliz com o curso”. (Aluna do 2º ano, negra)

Assim, as trajetórias expostas nas entrevistas aqui contempladas revelam certos encontros; a ausência de uma escolha certa e única pelo curso de Geografia, personagens que somaram, forçaram ou não colaboraram com essa decisão, como os pais que obrigaram o jovem a cursar alguma universidade e a questão financeira como importante de ser levada em conta.

Na intenção de conhecermos as trajetórias e perfis mais comuns dos estudantes desses dois anos do curso de Geografia, através dos questionários aplicados e dados da seção de graduação da FCT/UNESP há a conclusão de que são em sua maioria pessoas brancas, oriundas de escolas públicas, que tinham em seus planos outras opções de curso, mas que, por inúmeras razões, encontraram no curso de Geografia uma das opções possíveis, dificilmente o curso de Geografia se mostrou como primeira opção ou um “sonho de vida”, nos projetos de futuro dos estudantes, são em sua maioria (apenas 2 estudantes eram oriundos de fora do estado de São Paulo) paulistas, sobretudo, de Presidente Prudente e sua Região Administrativa, ou da Grande São Paulo, ou ainda alguma outra cidade do interior paulista (pouquíssimos estudantes do litoral).

Conscientes da resiliência e desenvoltura presente nas trajetórias relatadas, as experiências de juventude(s) desses sujeitos começa a contar com um novo cotidiano e uma nova espacialidade, a universidade e o curso de Geografia.

Com a chegada dess(a)es estudantes à universidade, podemos tratar a adaptação do curso de Geografia como fortalecida nos espaços fora da sala de aula, mas é preciso também ressaltarmos a importância da relação amistosa entre professores/as e alunas/os, que colabora com uma adaptação mais saudável (BUENO,1993). Todavia, essa adaptação se mostra complexa e muito envolvida com a trajetória dos jovens que chegam à universidade, suas condições e situações adversas e diversas podem corroborar ou atrapalhar sua adaptação, sendo a classe um elemento chave (HOPKINS,2006), pois os que não tem renda suficiente advinda dos pais, necessitam trabalhar e conseqüentemente passam menos tempo na universidade e seus arredores, seja nos encontros, nos coletivos, nas festas, nos grupos de pesquisa e etc. Os coletivos e os grupos de pesquisa se revelaram importantes neste processo de adaptação, afirmação e integração dos estudantes, que



consideram seus respectivos espaços e tempos pertinentes à vivência universitária e suas experiências de juventude(s).

Debatendo acerca do tema adaptação no segundo grupo focal, houve várias falas e comentários, mas trazemos um trecho que chamou a atenção:

“...eu me senti muito mais acolhida como mãe nos espaços da universidade fora da sala de aula do que dentro da Universidade na sala de aula, eu acho que é isso.” (Grupo Focal 2)

Além da questão financeira, há também outras particularidades, como o gênero ou raça, assim como a cidade e outras instituições, a universidade foi pensada para ser ocupada por homens brancos e héteros, como coloca Costa (2020), fazendo com que possa ser hostil a outros grupos e minorias(dificultando a adaptação de alguns), como na situação acima exclamada, uma estudante que é mãe, ter a necessidade de levar o filho à universidade, e se sentir mais acolhida fora da sala de aula, nos espaços de encontro e sociabilidade do que na sala de aula, onde há toda uma liturgia a ser seguida(em moldes que não costumavam integrar situações como a maternidade).

Os espaços de convivência e sociabilidade dos estudantes estavam presentes dentro do campus e aos seus arredores; espaços como o *Prudenshopping*(shopping center próximo a universidade), bares, praças e o Parque do Povo (um parque da cidade próximo a universidade), as repúblicas e as festas fazem também parte do circuito das interações entre os estudantes do curso, revelando que esse circuito se mantém próximo/dentro da universidade (com algumas exceções, sobretudo, para os estudantes naturais de Presidente Prudente). Esses circuitos de interações são importantes elementos da cultura universitária construída por esse(a)s estudantes. No gráfico I e II são demonstrados os locais mais citados nos questionários aplicados, sendo o primeiro acerca dos espaços dentro do campus e o segundo dos locais fora do campus universitário.



GRÁFICO I: OS ESPAÇOS DE ENCONTRO NA UNIVERSIDADE



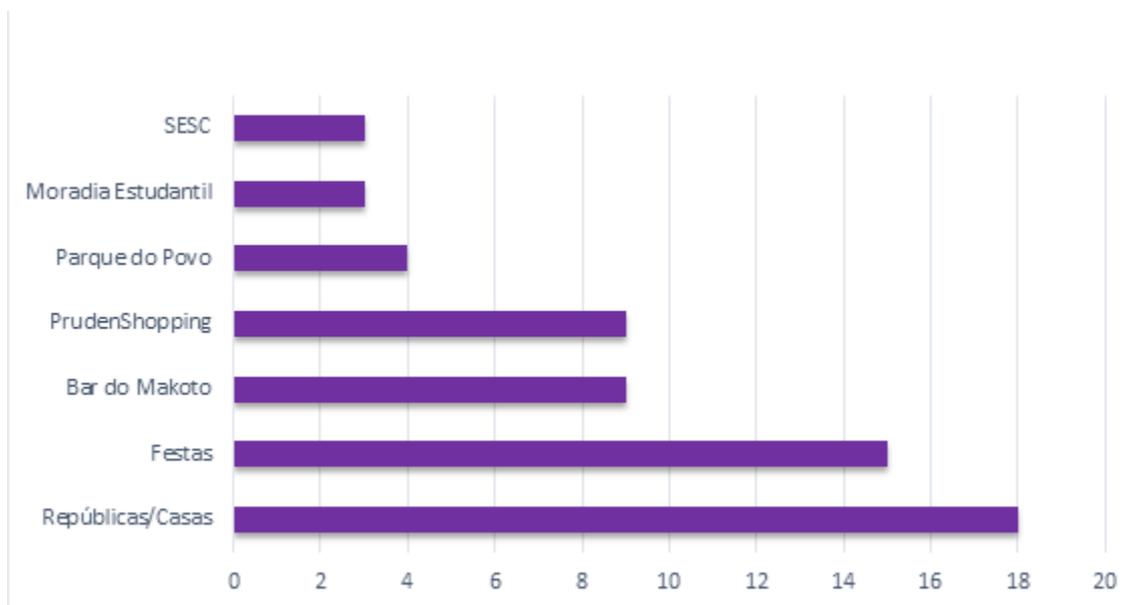
Fonte: Questionário aplicado aos estudantes do 2º. e 3º. anos do curso de Geografia da FCT/UNESP, 2020.

Retornando aos dados do questionário, no gráfico acima podemos visualizar os espaços de encontro dos estudantes (antes da pandemia). O espaço mais mencionado foi a praça da Geografia, que está localizada na frente do Discente IV, em que as aulas do curso são lecionadas. Portanto, durante os intervalos, antes e depois das aulas, a praça se torna um lócus de encontro entre os estudantes. A biblioteca se mostrou o segundo espaço mais escolhido. Este que talvez tenha sido arquitetado como espaço de leitura e estudo (em alguns momentos até de descanso), passa a ser ressignificado pelos jovens, e passa a ser local de encontro e sociabilidade também (PAIS,2006;SANTOS,2014).

Diante do gráfico II, vemos um circuito de encontros, realizados pelos estudantes fora da universidade, vale ressaltar, que esse circuito se modificou um pouco quando se tratou de estudantes que sempre moraram em Presidente Prudente, estes, por já ter estudado em alguma escola, ter um serviço, conhecer outros bairros, desenvolveram outras redes de amigos e integração, enquanto que para os que vieram de outra cidade, a universidade exerce certa centralidade em suas vidas. Assim, as repúblicas, o bar e a praça (todos próximos a universidade) começam a fazer parte de um circuito de lazer e tempo livre dos jovens da universidade, como também identificado por Lima (2018), em sua pesquisa da cultura universitária em Três Lagoas-MS.



GRÁFICO II: LOCAIS DE ENCONTRO FORA DA UNIVERSIDADE



Fonte: Questionário aplicado aos estudantes do 2º. e 3º. anos do curso de Geografia da FCT/UNESP, 2020

O tempo livre e lazer dos estudantes, nas entrevistas e nos grupos focais seguiu a lógica desses espaços, com atividades como beber juntos, conversar, passear entre outros, mas sempre se revelou ser algo compartilhado, em conjunto com outros, tocando em um ponto importante na identificação da cultura juvenil do curso de Geografia, as práticas em grupo.

Na pesquisa, definimos tal cultura juvenil, como se tratando de uma cultura juvenil universitária pois não só compartilha o cotidiano, tempo livre e lazer, mas também responsabilidades, compromissos e desafios da maturidade, seja nos coletivos, nos grupos de pesquisa, nas disciplinas da graduação e as próprias adversidades da vida, muitas delas vencidas juntas, trata-se então de uma cultura juvenil universitária que é mais ampla que uma cultura do ócio e lazer, que abrange outras dimensões de uma experiência de juventude dentro de uma universidade pública.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos (in)concluir, que há uma cultura universitária no curso de Geografia através da identificação de um circuito de “rolês”, incertezas e questões perante o futuro em comum, a resistência que a cultura e práticas dos estudantes apresenta, como os



eventos tradicionais, os locais de encontro e sociabilidade, as pautas de luta e interesses, entre outros. É importante também pontuar, que a cultura universitária nesta pesquisa, mostrou ter características que incluem outros elementos, além do “fazer nada juntos” e do dia a dia, esses estudantes compartilham pautas políticas, pesquisas, obrigações, tarefas e responsabilidades, preocupações, assuntos que não são tratados pelos autores que abordam o tema das culturas juvenis. Dessa forma, essa cultura universitária em questão, através de nossa perspectiva é uma cultura juvenil, mas abrange outros fatores que são particulares a realidade de jovens universitários, e mais especificamente do curso de Geografia, trata-se então de uma “cultura juvenil universitária”, termo que achamos pertinente colocar para classificar essa situação específica de nosso objeto de pesquisa.

O movimento artístico *Vaporwave*, inspiração para as canções de Smith(2020) tem caráter político, lamenta as promessas não cumpridas por um sistema neoliberal, enquanto que vive uma eterna nostalgia de décadas anteriores, onde ter um “diploma” ou fazer uma universidade garantia um bom emprego; ora assim também são os estudantes de Geografia, ativos politicamente, sentem na pele a desigualdade e adversidades criadas pelo capital nas suas vidas, na cidade e na universidade (CHAUÍ,2003;LEFEBVRE,2001) e em meio a tantos desafios, fazem da sua juventude, uma experiência(TURRA NETO 2015) de encontro, partilha,(con)vivência, política e de resistência.

“É por isso que o sol vai nascer
e bater em nossas portas e vamos marchar
Nós estamos avançando” (Tradução própria, Smith,2020)

REFERÊNCIAS

- BUENO, J. L. O. A evasão de alunos. **Revista Paideia**, Ribeirão Preto, n. 5, p.9-p.16.1993.
- BUFFA, Ester; PINTO, Gelson de Almeida. O território da Universidade Brasileira: O modelo de campus. **Rev. Bras. Educ.** vol.21 no.67 Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782016216742> Acesso em: 18 de dez. de 2020.
- CHAGAS, A. T. R. O questionário na pesquisa científica. **Revista Administração online**. São Paulo, SP, v. 1, n. 1.2000. Disponível em:https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1255609/mod_resource/content/0/O_questiona_riona_pesquisacientifica.pdf. Acessado em 03/06/2021.
- CHAUÍ, M. A universidade pública sob novas perspectivas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.24, p.5-p.15.2003.



COLOGNESE, S.; MELLO, J. L. B. A técnica da entrevista na pesquisa social. **Caderno de Sociologia**. Porto Alegre, v. 9, p. 143-159, 1998.

COSTA, C. L. Mulheres fazendo balbúrdia: uso e apropriação do espaço na universidade federal de Catalão (GO). In: PORTUGUEZ, A. P.; COSTA, C. L.; MYAZAKI, L. C. P.(org.). **Balbúrdia Geográfica**: natureza, produção, uso e apropriação do espaço no campo e na cidade. Ituiutaba- MG: Editora Barlavento, 2020. p. 8 - 33.

COUTRIM, R. M. da E.; CARIOCA, E.; DULCI, F. D. Jovens universitários: sociabilidades e angústias na transição para a vida adulta. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, XIV, 2009, Rio de Janeiro, **Anais...** Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Sociologia, p.1-p.20.2009.

CRUZ NETO, O.; MOREIRA, M. R.; SUCENA, L. F. M. Grupos focais e pesquisa social qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, XVIII, 2002, Ouro Preto. **Anais...** Ouro Preto: Associação brasileira de estudos populacionais, 2002. p.1-26.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. Edições Loyola, 1992.

HOPKINS, Peter E. Youth transitions and going to university: the perceptions of students attending a geography summer school access programme. **Area**, Lancaster- Inglaterra, v. 38, p. 240-247,2006. Disponível em:<https://rgs-ibg.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1475-4762.2006.00691.x>. Acesso em:14/10/2021.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LIMA, E. L. G; RIBEIRO, A.I.M A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente 1959-1976: gênese da FCT - UNESP. Jundiaí: Paco, 2013.

LIMA, M. G. **Espaços de lazer e territórios juvenis em Três Lagoas**. 2018. 223 fl. Dissertação (Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia) - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas, Três Lagoas -MS. 2018.

MARGULIS, M; URRESTI, M. "La juventud es más que una palabra". In: Margulis,M.(org.).**La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires, Biblos,1996.

MARTINS, C.H. Dos Santos; CARRANO, P. C. R. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 36, n. 1, p. 43-56, 2011.

MASSEY, D. 1991. Global sense of place. **Marxim Today**, v. 6, p. 24-28, 1991.

MENEGON, R. R. **Culturas juvenis e jovens do ensino superior**: em busca de caminhos para formação inicial e a prática educativa na educação física. 2016. 228f. Dissertação (Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação)-Faculdade de Ciências e Tecnologia UNESP Campus Presidente Prudente, Presidente Prudente. 2016.



MORÉ, C.T. O que é Vaporwave? Como essa estética que surgiu na internet tem influenciado a música, a arte e o design? **Follow The Collors**, 2018. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/06/19/cerca-de-10-da-populacao-brasileira-pessoas-lgbti-sao-sub-representadas-na-politica>>. Acesso em: 16/06/2021

OLIVEIRA, M. F. Da R. Formação do Professor de Geografia: Ensino e Pesquisa In: Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade, VI, 2012, **Anais...** São Cristóvão: Universidade Federal do Sergipe, 2012. p.1- 14.

PAIS, J.M. Busca de Si: Expressividades e Identidades Juvenis. In: ALMEIDA, M.I.M. De; EUGENIO, F. (orgs.). **Culturas Jovens: Novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006. p.7-21.

PAIS, J. M. **Cenas Juvenis**. Lisboa- Portugal: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

SANTOS, Andréa Pereira Dos. **Juventude da UFG**: trajetórias socioespaciais e práticas de leitura. 2014.194f. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2014.

SILVA, J. M.; SILVA, E. A.; JUNCKES, I. J. **Construindo a Ciência**: elaboração crítica de projetos de pesquisa. Curitiba: Instituto Cultural de Jornalistas do Paraná, 2009.

SMITH, J. S. **Cool Tapes Volume III**. Los Angeles: MSFTS Music - Roc Nation, 2020, Disponível em: https://music.youtube.com/playlist?list=OLAK5uy_kemiWQptf_rzxdrlt2WLce6cXrgk18_g. Acesso em 16/10/2021.

TURRA NETO, N. Definir juventude como ato político: na confluência entre as orientações de tempo, idade e espaço. In: CAVALCANTI, L. de S.; CHAVEIRO, E. F.; PIRES, L.M. (org.). **A cidade e seus jovens**. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2015. p119-136.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO, Histórico FCT Atualizado. Presidente Prudente, 2016. Disponível em: <https://www.fct.unesp.br/Home/Instituicao/historico.pdf>. Acesso em 20/10/2021.

VASCONCELOS, A.M.N. Juventude e ensino superior no Brasil. In: DWYER, T.; ZEN, E. L.; WELLER, W.; SHUGUANG, J.; KAYUAN, G.(org.). **Jovens universitários em um mundo em transformação**: uma pesquisa sino-brasileira. Brasília: Ipea; Pequim: SSAP, 2016. p.125-139.

VELHO, G. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. In: ALMEIDA, M.I.M. De; EUGENIO, F. (orgs.). **Culturas Jovens**: Novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006. p.7-21.